

001/91

Ives Gandra da Silva Martins

ESTADO MAIOR, SOCIEDADE MENOR

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS,
Professor Titular de Direito Econômico
e de Direito Constitucional da Faculdade de
de Direito da Universidade Mackenzie e
Presidente do Conselho Superior de Estudos
Jurídicos da Federação do Comércio do Estado
de São Paulo.

Lí, no domingo pela "Folha" (6/1/91), artigo de Antonio Delfim Netto, no qual afirmava, em matéria de prognósticos, haver uma única segurança que os economistas poderiam ofertar a seus ouvintes, ou seja, a insegurança. E, com a lucidez que o caracteriza e que não é requisito ~~o~~ qual o Palácio do Planalto esteja particularmente interessado, mostrava, com humor e coerência, que os prognósticos dos economistas nascem sempre com atraso e com elevada margem de inconsistência, na medida em que os agentes econômicos são os que conformam os acontecimentos econômicos, protegendo-se dos governos e principalmente dos próprios economistas.

E, ao citar episódio da vida de Tales de Mileto narrado por Aristóteles --creio que a edição do Delfim seja castelhana, pois fala do episódio como anedota--, sugere que para entender economia mais do que os economistas --o que não é difícil-- e mais do que os agentes econômicos, mister se faz entender de filosofia e não dar à riqueza valor transcendental. É que o

-2-

filósofo ou o sábio percebem que tudo passa e, portanto, dão ao passageiro a sua devida importância, ou seja, quase nenhuma. O próprio Hegel, ao comentar o que sobrou dos fragmentos de Tales de Mileto, lembra que "o primeiro estado de coisas que reside no que foi dito é o fato de que a existência singular não possui autonomia alguma, não é nada de verdadeiro em si e por si, apenas algo acidental, uma modificação (Os pré-Socráticos, Ed. Abril, 1973, p. 151).

Aliás, com a sabedoria própria de seu povo, o Rei Akbar, em 1571 fundou, na Índia, a cidade de Fatehpur Sikri, abandonada 14 anos depois. Em sua entrada, fez ser inscrito na "Porta do Triunfo", o seguinte pensamento: "O mundo é uma ponte. Atravesse-a, mas não pense em construir nada sobre ela".

As verdades de Tales, de Akbar, de Hegel ou de Delfim nem sempre têm sido compreendidas pelos economistas do Planalto, que ao pretenderem fazer da Economia uma Ciência Ideológica ou Matemática afastam-se da verdadeira Economia, que é uma Ciência apenas Psico-Social, que cabe aos intérpretes mais apreenderem-na do que realmente fazerem-na, principalmente, quando a querem, de forma planejada e permanente. Quem a faz é o povo, podendo, no máximo, os economistas planaltinos atrapalhar sua evolução, mas não a produzir.

E parece que o fenomenal erro dos "produtores" da Economia brasileira, cujo maior título era um profundo desconhecimento de como atuam os agentes econômicos, foi não terem percebido que o Estado não "produz" Economia e que quanto mais se enleiar na teoria Wagneriana do crescimento irreversível dos dispêndios públicos, menor desenvolvimento permitirá que a sociedade crie. Quem "produz" Economia é a sociedade, razão pela qual no momento

-3-

em que a jovem equipe ministerial levou o Presidente Collor a mirar sua espingarda e dar seu único tiro contra a comunidade e não contra o Estado, à evidência, atingiu aquele segmento capaz de gerar riquezas, de acordo com a conjuntura, reduzindo sua capacidade de implementar progresso.

Ao ter a equipe econômica reduzido o tamanho da sociedade, não com um tiro, mas com autêntico artefato nuclear, lançado contra os alicerces fundamentais da economia de mercado, que são a "propriedade" e o "contrato", assim como mantido o Estado em seu tamanho original, à nitidez, só poderia colher, como colheu, uma desconfortável inflação matrimoniada a incômoda recessão.

Sem que o fato me console, todos os meus alunos de pós-graduação na Universidade Mackenzie, em direito econômico, sabiam em abril de 1990 que a inflação de Novembro ficaria entre 10 e 15%, pois fiz com eles a projeção possível, a partir do erro monumental de ter o governo, no dizer de Paulo Guedes, implodido o prédio errado. Neste mesmo mês, a Ministra Zélia Cardoso aconselhava o jornalista Alexandre Machado a mudar o nome de seu programa "Vamos Sair da Crise", pois para ela o Brasil já tinha saído da crise e a inflação era zero!

Volto, para encerrar este artigo, às lições de história de Filosofia do Delfim, mas a partir de dois filósofos que se opuserem, ou seja, Heráclito de Efeso e Parmênides de Eléia, aquele defendendo o mobilismo universal e este o imobilismo. A manutenção da política governamental de continuar atingindo a sociedade, com uma tributação irracional, com juros elevados por força da própria imposição fiscal (IOF, I.Renda federal e estadual na fonte) e não apenas por força do custo do dinheiro e preços de produtos e serviços maiores, em face da redução do

-4-

rítmo e do volume da produção, sem atingir o próprio governo, levará o país: (1) a muito mais inflação ou (2) a muito mais recessão ou (3) a níveis intoleráveis de inflação e recessão, posto que a sociedade menor não tem como sustentar um Estado maior, até porque é ela quem "produz" a Economia e não o Poder, como muitos Planaltinos acreditam.

Ora, a esta altura, o imobilismo de Parmênides é menos desejável que o mobilismo de Heráclito e cabe ao Presidente Collor, se pretender não ficar na História como melancólica reminiscência, ou mudar a política econômica ou mudar a equipe econômica, para que a sociedade cresça e o Estado diminua, única forma de o país sair realmente da crise. Afinal, como dizia Helmut Kuhn, "o Estado é uma estrutura de poder" (El Estado, Ed. Rialp, p. 105) e quanto menor for o poder do Estado e maior o poder da sociedade tanto mais crescerá o país, em fórmula que, por ser antiquíssima, já deveria ter sido, pelo menos, sugerida aos que frequentam os corredores brasilienses.